



Alguns aspectos do *País possível* de Ruy Belo – o caso da “Pequena história trágico-terrestre”

Some aspects of País possível by Ruy Belo – the case of “Pequena história trágico-terrestre”

ANTÓNIO JOSÉ BORGES

Universidade de Lisboa/Universidade Nova de Lisboa – Lisboa – Portugal



Resumo: No *País possível* de Ruy Belo há múltiplos temas que são desdobrados, afirmando o carácter consistente do livro que repete todos os poemas menos um: o inédito “Pequena história trágico-terrestre”. Justamente, é este poema, um dos troncos centrais desta árvore renascida por Ruy Belo, que serve de *leitmotiv* quer a este ensaio quer à leitura do livro que o próprio poeta considera ser outro. De entre os vários temas presentes no último poema fundamental, destacam-se a referencialidade e o carácter dos lugares, em que vida e poesia se entrecruzam.

Palavras-chave: Vida; Poesia; Referencialidade; Lugares; Memória

Abstract: In *País possível* by Ruy Belo there are multiple topics that are deployed, stating the nature of the book that consistently repeats all the poems except one: the novel “Pequena história trágico-terrestre”. Precisely, this poem is one of the central trunk of this tree reborn by Ruy Belo, which serves as a *leitmotif* to this essay or want to read the book that the poet believes to be another. Among the many themes present in the crucial last poem, we highlight the referentiality and character of places where life and poetry intersect.

Keywords: Life; Poetry; Referentiality; Places; Memory

O sonho abandonado não é apenas uma fantasia de gratificação interminável, mas antes a maior de todas as ilusões humanas, a visão da imortalidade.

HAROLD BLOOM, *A Angústia da Influência*

Pedra em Expansão

*Diz que não são os anos que passam
é a pedra*

*Não o tempo
o que por mim passa
mas ela
que somente acompanha*

*Diz não passam anos
para a minha idade
só uma pedra está*

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO, *Barcas Novas*

Partimos da possibilidade de haver em *País Possível* (PP), sexto livro de Ruy Belo, uma (re)busca de lugares num tempo duvidoso, a expressão de uma certa (des)ilusão com a história e a vida, em que oscilando entre as perspectivas solar e sombria da palavra somos transportados, justamente, no tempo até ao carácter inédito da

“Pequena história trágico-terrestre”. Na (re)formulação do fazer o *País possível*, que, assim, não é uma antologia porque Belo introduz, oportunamente, a novidade do poema final, são resgatadas composições dos seus três livros imediatamente anteriores: *Boca bilingue* (BB); *Homem de PALAVRA[s]* (HP) e *Transporte no tempo* (TT).

Na integração de poemas extraídos destes livros em *PP* não houve lugar para qualquer poema das duas primeiras obras: *Aquele Grande Rio Eufrates (AGRE)* e *O Problema da habitação – alguns aspectos (PH)*. Este facto, que pode não ter a inflacionada importância que lhe queiramos atribuir, não deixa, no entanto, de suscitar uma certa atenção, uma vez que os dois primeiros livros foram escritos num contexto a que o autor deixou voluntariamente de ter acesso. A opressão criativa deixou de estar presente, após a sua saída da *Opus Dei*.

Impõe-se uma certa contabilidade, pelo que nesta integração de poemas num novo livro a primazia é dada a *HP*, com treze poemas, seguindo-se *TT*, com onze e por fim *BB*, onde Belo vai resgatar três poemas. A estes se juntando o até então inédito “Pequena história trágico-terrestre”, estamos, deste modo, perante vinte e oito poemas de um novo livro que o é por três motivos essenciais: pela unidade temática que na “Nota do autor” Belo assume e é identificada; pelas opções estilísticas presentes na renovação dos poemas já publicados anteriormente, desde logo assente no corte e emenda de versos, a supressão de pontuação e “por resolver de vez “a guerra maiúsculas-minúsculas”, a favor do lado mais fraco”;¹ e porque “um livro de poesia é, afinal, um lugar de convívio”,² na circunstância disperso em unidade por vários lugares que partilham o mesmo espírito de tentativa de fixação do ideal de justiça e liberdade – num país, Portugal, a que falta a fraternidade e a igualdade que o tornaria mais pátria do que país; no tempo de Ruy Belo e neste tempo nunca antes tão confuso (o tempo de um modo de terceira guerra mundial e em que está em causa a democracia).

Estes poemas constituem uma meditação sobre o poeta (o próprio) e a realidade que o envolve – e o envolve até ao ponto de o afectar negativamente –, daí se apresentarem como uma forma de intervenção social e compromisso cívico em busca de um mundo melhor, vivendo o poeta a vida com o grau de intensidade que o leva ao mesmo tempo (conquanto não neste *País Possível*) a fixar-se na ideia de morte. E esta intervenção, este compromisso, este actuar lembra Cesariny: “Entre nós e as palavras, os emparedados / e entre nós e as palavras, o nosso dever de falar”.³ Assim, é possível afirmar que em *PP* Belo condensa todo um ideário ético presente na sua obra (poética). Mas a arte é, em Belo, ainda esforço e exigência e, como tal, talvez o poeta com o seu trabalho poético queira mudar cada leitor que o ler, exercendo pelo atrito necessidades físicas e meditativas que transformem quem lê. Aqui nos aproximamos de um dos aspectos do carácter moderno da sua *ars poetica*: a re(i)novação, aspecto este que vem, na verdade, da tradição do novo que, na nossa poesia, remonta a Sá de Miranda e teve seguidores séculos mais tarde, entre nós, num Cesário

Verde e depois (um século) Ruy Belo, se quisermos destacar só estes autores que construíram de certa forma a sua obra à margem de modismos e grupos estabelecidos.

Como é evidente, somos devedores dos pais míticos da modernidade (que, acreditamos, já em Milton ou mais tarde Goethe, usando só estes exemplos, se vai mostrando), Mallarmé e Edgar Allan Poe, e reconhecemos as influências de Wordsworth, Whitman e Baudelaire ou mesmo do Maiakovski não só da sua primeira fase, mas mesmo do poeta engajado da segunda fase, lembrando precisamente a sua importante obra (esteticamente programática) de ensaio: *Como fazer versos*. Justamente, Tradição e Modernidade entrecruzam-se, pois Belo surge no contexto da poesia actual como um clássico contemporâneo, onde o respeito pela(s) tradição(ões) e os fenómenos estéticos e estilísticos modernos se conjugam com o trabalho poético de enriquecimento e perpetuação da importância que esta arte (a poética) representa na tradição literária.

E mais que, como será desenvolvido à frente, prevalece na obra do autor de *Boca bilingue* “uma reiterada preocupação com a dimensão humana da poesia”.⁴ Parece claro que, desde o início, o poeta se detém progressivamente em questões de índole filosófica, metafísica e escatológica, envolvendo a questão da morte ou a condição solitária do homem.⁵

1 Ecos em *País possível*

Com epicentro nos temas anunciados a abrir este texto, importa começar pela dedicatória e pela epígrafe presentes em *PP*, as quais antecedem a nota do autor, da qual incontornavelmente me servirei na medida do necessário para justificar o possível. Ora, ao dedicar este livro ao “jovem pescador Lourenço São Miguel, morto [...] quando o seu barco camaroeiro embateu numa língua de areia”, assim como, de certo modo, a Zindo, o mergulhador que foi arrancar o afogado ao mar, além de abrir caminho a um dos aspectos mais notáveis da sua poesia, que é o peso da referencialidade a outros autores, artistas, família ou pessoas comuns, Belo revela sentido de justiça e atenção à memória daqueles desconhecidos sobre quem recai o peso do esquecimento, não raras vezes mesmo precoce.

¹ BELO, Ruy. *Todos os Poemas (País Possível)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009, p. 497.

² Idem, *ibidem*.

³ CESARINY, Mário. “You are welcome to Elsinore”. In: HELDER, Herberto (org.). *Edoi Lelia Doura – antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1985, p. 216.

⁴ REIS, Carlos. “A poesia portuguesa na posteridade do modernismo”. Revista *Metamorfoses*, Rio de Janeiro: Editorial Caminho e Cátedra Jorge de Sena, 2005, p. 130.

⁵ Cf. *ibidem*, p. 131.

O mesmo sucede com a epígrafe escolhida para motivar a leitura do livro. É de James Joyce e, ao transportá-la para o contexto de Portugal à data, nota-se que transmite a mais fina ironia e o amor por Portugal – não resisto a transcrevê-la parcialmente: “Gostaria que visseis quantas lágrimas a fio / derramo ao ver cheio de emigrantes um comboio ou um navio”. Ruy Belo serve-se das palavras de Joyce para se referir ao malogrado fenómeno da emigração portuguesa na segunda metade do século XX – aliás, um pouco à semelhança do que se passa no presente, embora o estrato populacional seja diferente, tratando-se, hoje, de um fenómeno de emigração de quadros especializados e com elevada formação académica. De qualquer modo, aqui se nota a sutileza da consciência social de Ruy Belo que, à luz do cenário actual, quase pode ser encarado como um profeta visionário.

Numa época em que pensar era efectivamente um perigo, não pensar era, pelas contingências da vida social, difícil. Desde logo porque na dificuldade a meditação encontra um compromisso com a actuação e a luta torna-se uma realidade pessoal. Neste sentido, Belo também se refere na nota do autor a Mário Sacramento e à sua “Carta-Testamento: “Façam o mundo melhor, ouviram?””.⁶ Aqui renasce, apesar de a palavra solar percorrer a poesia de Belo, numa luta contra a contingência, a sua desesperança com a vida, Portugal e o mundo – a respeito da abordagem a Portugal na literatura portuguesa, escreveu Aguiar e Silva:

O amor a Portugal e a mágoa, a dor e a melancolia incurável de ter visto a luz “neste país perdido”, é um *topos* camoniano que percorre como um veneno, como uma maldição e às vezes como uma utopia regeneradora e uma visão futurante a literatura portuguesa, desde Garrett e sobretudo desde o tempo finissecular oitocentista até Pessoa, Torga, Manuel Alegre, Ruy Belo e outros autores, e que eu vivo dramaticamente. Um *topos* camoniano que se converte irremediavelmente num tropo do camonismo. Felizes, neste país cronicamente pobre, endividado, injusto, em estado permanente de “ruína cultural”, como disse Pessoa, só alguns gestores e alguns economistas...⁷

E a nota do autor a *PP* foi escrita em Madrid no dia 19 de maio de 1973 – curiosamente, no dia do trabalhador e um ano antes do 25 de Abril, motivando uma determinada dialéctica intenção-realização. Ainda na nota do autor, ao encontro do universo referencial refira-se uma passagem que atesta a mentalidade cultural de Belo. Atrevo-me a ver nele um homem simples e erudito que desejava a elevação cultural e espiritual dos seus compatriotas:

O povo português nem sequer se reconhece na sua música e prefere muitas vezes, penso eu, uma

cançoneta de Tonicha transmitida pela rádio ou pela televisão, verdadeiras “técnicas de aviltamento”, a uma composição qualquer das muitas que foram escrupulosamente recolhidas por Lopes Graça e Giacometti.⁸

Ao longo de *PP* encontra-se, sob a forma de citação, evocação, homenagem ou alusão, entre outras sutilezas com que se honra a influência que não gera o que Bloom designa de “encobrimento poético”⁹ (apenas e essencialmente pode despertar, permitindo a [im]possível originalidade) a que não é, digo, ainda segundo Bloom, “uma variedade da melancolia”,¹⁰ referências a vários poetas (relativamente aos quais Ruy Belo, poeta forte, não sentiu, então, o princípio de angústia que o impediria de se desviar), de entre os quais Pessoa (também a Campos, Caeiro e Reis), Bação Leal, Camões, Goethe, Cinatti ou Cesário, nomeadamente, bem como ainda notamos, dispersas, referências religiosas a pessoas comuns, autoreferências, a pintores e escritores (constituem exemplos de escritores Unamuno e Malraux), à mitologia, à músicos e, especialmente, a anónimos, sejam instituições ou particulares. De igual modo abundam referências a lugares no estrangeiro e em Portugal (aliás, são várias as menções ao Portugal-país), memórias do seu lugar-habituação, a casa onde nasceu o homem e o poeta, surgem mesmo frequentemente (in)determinados sem-lugar e, logo de início, recordando o facto da nota do autor ter sido escrita em Madrid se nota esta constante da memória na sua poesia.

2 Alguns aspectos da “Pequena história trágico-terrestre”

Creio ter ficado implícito que Ruy Belo é claramente um poeta da memória (e toda a sua obra pode ser vista como uma ode, um “protesto do espírito criativo contra a tirania do tempo”¹¹); da busca de um país, o país possível (donde ressalta, mais no fim do poema de que de ora em diante nos ocuparemos, um interseccionismo que lembra Pessoa), assumindo o compromisso da revisitação (talvez mesmo refundação) da história. E fá-lo numa postura poética que se situa entre o género lírico e o modo interventivo histórico e socialmente. Deste modo, fixemo-nos em dois ou três aspectos, distendidos, que ressaltam da leitura da “Pequena história trágico-terrestre”.

⁶ BELO, Ruy, op. cit., 2009, p. 498.

⁷ VÍTOR AGUIAR E SILVA em entrevista sobre o seu recente *Jorge de Sena e Camões. Trinta anos de amor e melancolia*. In <<http://angnovus.wordpress.com/2010/01/04/vitor-aguiar-e-silva-em-entrevista-sobre-%C2%ABjorge-de-sena-e-camoes%C2%BB/>>.

⁸ BELO, Ruy, op. cit., 2009, p. 498.

⁹ BLOOM, Harold, *A angústia da influência* (trad. Miguel Tamen), Lisboa, Cotovia, 1991, p. 19.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ BLOOM, Harold, op. cit., 1991, p. 21.

Ora, o poema que fecha *PP* – e que transporta, mais uma vez no corpus poético beliano, consigo um labor em que a aliteração desempenha um papel estilístico desde o primeiro momento – abre justamente com uma alusão, crítica, aos descobrimentos (“Miudamente observo a natureza / desculpa tens razão navegador eu reconheço / a majestade da grande natureza / embora não consiga interessar-me muito / a gente como tu que povoou a história”¹²). E é precisamente este “homem da palavra”, que (a)nota “no céu a solidão das aves”, que trabalhava pela noite dentro (“No limiar do sono sondo a noite e só depois a luz / mais natural na lâmpada que na lua ou dia”¹³), que entende a “solidão que nasce do convívio com o mar”¹⁴ (mar: lugar de solidão galvanizante e de onde emerge a sua “amarga vida” – mas escreve: “Comemoro o amor e mesmo a dor contentamente”¹⁵ donde é possível extrair uma correlação com Ricardo Reis) e em cuja ilha nenhum Robynson Crusóé habita. Deste modo, afinal só na poesia o encontramos? Coloca-se simultaneamente a questão da tradição e um sinal de respeito pela influência dos precursores já ditados: “A minha melhor vida é possível que resida / na mais gramatical ou linguística palavra / e uma voz ouvida e perdida / se veja no presente repetida”¹⁶.

É a vida a sua poesia – a vida, não tanto a que vê evaporar-se (por esta ideia vamos ao encontro do seu poema “Vim para a vida e dão-me dias”), a que deve uma “gramática de dor”, lugar de solidão que é ela mesma vida e poesia, pois “nada é menos poético do que a poesia”¹⁷. Interessa a pedra, e pedra a pedra vai nascendo a construção (lembra Pessoa), que alicerça só a melhor vida que o poeta (e o homem em que se fundem num só) vive no sono e na solidão. O poema é como a concha que ecoa os murmúrios da vida que vive intensamente no poeta e que este amplifica na arte da palavra-memória. Ou trata-se, tão só, da defesa da vida pela poesia. Somos então levados a caminhar na direcção de Cesário ou de Nietzsche, com a melhor ironia, quando lemos: “Nada sei de emoções manipulo morfemas / e nas cidades sinto a solidão dos campos / Humano mesmo se demasiado humano / não peço ou posso privilégios de poetas”¹⁸.

São de Belo os versos que aludem a Pessoa e Caetano: “À arte dou o que devia à vida / [...] A emoção seca tudo quanto a cerca e / procuro como Livingstone as origens de um rio”¹⁹. Esta entrega à poesia (que não contradiz a entrega à vida) é a de “Amar é entregar-se” (Pessoa) e o virar de costas à emoção aproxima-se da filosofia não reflexiva de Caetano e da sua objectividade, aceitando por momentos deixar de lado o culto da contradição caetaniana.

Ficou dito, por outras palavras, que a poesia de Ruy Belo não é só crepuscular mas é também solar. Ora, no mesmo poema em que expõe a sua “dor chamada Portugal / país defunto talvez unto para nações vivas /

portugal meu país de desistentes”²⁰ (nada mais actual, se pensarmos na postura e posição actual da Alemanha no contexto europeu), encontramos seguidamente a reflexão de que “A vida não merece nem que dela nos livremos / e há mais céu que o céu que se contém”²¹ e enaltece-se a nobre coragem de quem emigra (caso do próprio, em Madrid) e “enche o peito de ar”. Neste sentido, tanto mais actual se torna a leitura deste poema quando nos cruzamos com versos do jeito destes: “Como é possível consentir na vida / sem pelo menos lhe imprimir a marca do polegar? / Ou invencivelmente não nos repugnará / aceitar mais mentiras que as estritamente necessárias?”²²

Fazendo jus ao carácter referencial do poema (e do livro), ao longo deste desfilam as figuras tutelares de Antero, Eça, Herculano, sempre Pessoa, bastante Cesário e a espaços algum Camões, só para referirmos escritores e poetas, mas também há alusões a Poe ou Gounod. E sempre se interpõe (ou se justapõe) a refundação da memória do seu país, que lamenta com uma fraternidade de assinalar (e servindo-se da aliteração e do pleonasma para se reforçar) e remetendo a reflexão para a história – resta-nos seleccionar um exemplo, oficial pelo ritmo que transmite, onde mesmo Jorge de Sena pode ser lembrado, a par de tantos outros, anónimos, que tiveram a dignidade de dizer o Não como afirmação:

Que é das casas caiadas cais do meu país
de Portugal esse meu país meu?
Isto ó meus amigos dá vontade de morrer
Ressoa pelo ar um cheiro a sonho
e vibram nas paredes côncavos calcários
os terraços alegres como a cal
as janelas tão tristes como dom Duarte
Tudo é alegre e triste como o é Lisboa
cidade de Pessoa e de Cesário
tudo é tão desgraçado como ter nascido
amigos meus e de anto em Portugal
país que só existe em pensamento
país morto no mar ou na memória
ou mesmo mais na história obra de aqueles
que só fora de cá o encontraram
que mulheres e terras povoaram
e que nunca voltaram porque eram portugueses²³

¹² Ibidem, p. 544.

¹³ Ibidem, p. 545.

¹⁴ Idem, ibidem.

¹⁵ Ibidem, p. 547.

¹⁶ Ibidem, pp. 546-547.

¹⁷ Ibidem, p. 545.

¹⁸ Ibidem, p. 546.

¹⁹ Idem, ibidem. A referência ao missionário escocês (David Livingstone) justifica-se pelo seu cariz aventureiro (procurou civilizar combatendo a escravatura) no continente africano.

²⁰ Ibidem, p. 547.

²¹ Idem, ibidem.

²² Ibidem, p. 548.

²³ Ibidem, p. 549.

Ruy Belo viveu para a poesia “disposto a dar à arte nunca menos que ao amor”²⁴ e, identifica-se sobremaneira neste poema e neste livro, buscou “um país encantado”,²⁵ pois lhe restava “talvez um português interior”.²⁶ Assim, como lugar de solidão no mundo, o vento sobre a pele do poeta resgata da memória o tempo do esquecimento nessa “terra calcinada” que se quer solar e um mundo de justiça e de verdade – eis o país possível de Ruy Belo.

O poema (em consequência, o livro) termina suspensivamente, o que se torna justo porque nada é tudo – terminar assim é ver o que não é o fim. Na verdade, foi neste poema o poeta incoerente? A resposta, se a há, está nos versos finais:

Desculpa ó meu amigo eu nada sei
Diz-me: que há? quem sou? quantos são hoje?
Que não está bem. Que sou incoerente
que eu devia ter um sítio para as coisas
Não sei. Tu tens razão. Eu realmente²⁷

Torna-se possível então saber, na convicção de que nada é original (a própria vida desde o nascimento tudo nos rouba e não somos mais do que parte da soma das nossas experiências – com efeito, toda a poesia é o “romance familiar” de que fala Freud) e que tudo é autobiografia, em que medida Ruy Belo mereceu a morte e ganhou a vida.

Recebido: 26/05/2012
Aprovado: 30/07/2012
Contato: <aj.borges@sapo.pt>

²⁴ Ibidem, p. 550.

²⁵ Idem, ibidem.

²⁶ Idem, ibidem.

²⁷ Ibidem, p. 552.